

### Ferrageamento e exercício espontâneo no tratamento de fraturas de falange distal em equinos

Sheyla Noya Fracaro<sup>1\*</sup>, Ivan Deconto<sup>2</sup>, Eduarda M<sup>a</sup> Gomes das Neves Oliveira<sup>3</sup>, Peterson Dornbusch<sup>4</sup>, Antônio Felipe P. de F. Wouk<sup>5</sup>

Fraturas de terceira falange não são incomuns em equinos, devendo ser consideradas um dos maiores diferenciais no diagnóstico de dor em membros de equinos, sendo o trauma relatado como a causa predominante. Os sinais apresentados pelo cavalo geralmente condizem com dor de início agudo e claudicação de moderada a severa; o casco e a região da falange distal se mostram quentes ao toque e o pulso das artérias digitais torna-se intenso. **Descrição dos casos:** Neste relato, seis animais apresentaram fratura de terceira falange em um dos membros, confirmada pelo exame radiográfico. O tratamento proposto em todos os casos foi o ferrageamento, utilizando-se uma ferradura com quatro cliques laterais e uma travessa soldada no interior dos ramos da ferradura, próximos à junção dos quartos e talões. O espaço da sola foi completado com massa epóxi para evitar qualquer expansão da parede do casco ou afundamento da sola. O ferrageamento foi revisado a cada 40 dias, e os animais permaneceram soltos em piquetes, em exercício voluntário, contrariando bibliografia geral, que indica repouso em baias fechadas. Houve cura clínica em todos os casos, com retorno à função em até cinco meses. **Conclusão:** O método de imobilização com ferraduras com cliques e barra, preenchimento com massa epóxi na sola, complementado com exercício espontâneo em piquete mostrou-se método simples, eficaz e de baixo custo. Visto que 100% dos equinos com fratura articular de terceira falange, tratados dessa forma, retornaram à sua função, conclui-se que esse método é altamente indicado e eficaz para tratamento das fraturas em questão.

<sup>1\*</sup> Médica Veterinária, Msc, sheylafracaro@bol.com.br

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Departamento de Medicina Veterinária da UFPR, deconto@ufpr.br

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias – UFPR – Curitiba, eduardaoliveira@ig.com.br

<sup>4</sup> Professor Adjunto do Departamento de Medicina Veterinária da UFPR, petriches@gmail.com

<sup>5</sup> Professor Titular do Departamento de Medicina Veterinária da UFPR, fwouk@ufpr.br

### Frequência cardíaca de equinos de concurso completo de equitação submetidos a treinamento

Sirotsky, C.O.<sup>1\*</sup>, Santiago, J.M.<sup>1</sup>, Laranjeira, P.V.E.H.<sup>1</sup>, Gonçalves, B.S.<sup>1</sup>, Miranda, A.C.T.<sup>1</sup>, Almeida, F.Q.<sup>1</sup>

O estudo teve como objetivo avaliar a frequência cardíaca (FC) de equinos de Concurso Completo de Equitação submetidos a treinamento, utilizando teste em esteira de alta velocidade. **Material e Métodos:** O estudo foi realizado no Laboratório de Avaliação do Desempenho de Equinos na Escola de Equitação do Exército, com 16 equinos, treinados pelos alunos do Curso de Instrutor de Equitação, em delineamento inteiramente casualizado em esquema de parcelas subdivididas. As parcelas foram constituídas por quatro grupos experimentais, n=4, utilizando como fontes de variação a idade e histórico de treinamento. Grupo I - Novos iniciantes, 5 a 7 anos de idade sem experiência na disciplina CCE; Grupo II - Adultos iniciantes, 12 e 17 anos sem experiência na disciplina CCE; Grupo III - Novos experientes, 5 e 8 anos que participaram de programas de treinamento de CCE nos anos anteriores; e Grupo IV - Competidores, 8 a 10 anos competidores na modalidade CCE. As subparcelas foram constituídas pelos testes em esteira na fase inicial (teste I), e na fase final do treinamento (teste II). As subsubparcelas foram constituídas pelos tempos de avaliação em cada teste. Durante os testes, a esteira foi utilizada com inclinação

de quatro graus, o protocolo de avaliação foi constituído por três minutos a passo (1,7 m/s), cinco minutos ao trote (4,0 m/s), cinco minutos de galope (a velocidade foi aumentada em 1 m/s a cada minuto de galope: 6, 7, 8, 9 e 10 m/s) e 15 minutos de recuperação a passo (1,7 m/s). Para monitoramento da FC, foi utilizado frequencímetro cardíaco. Na comparação dos resultados da FC, na fase inicial e final do treinamento, foram utilizados os valores obtidos com os animais em repouso, galopes de 6, 7 e 8 m/s e durante o período de recuperação. Os resultados foram submetidos à análise de variância e as médias comparadas pelo teste de Scott Knott a 5% de probabilidade. **Resultados e Conclusão:** No primeiro teste, 12,5% dos equinos completaram galope até a velocidade de 7 m/s, 37,5% até 8 m/s, 18,7% até 9 m/s e 31,7% chegaram a 10 m/s. No segundo teste, 6,2% completaram galope até a velocidade de 8 m/s, 37,5% até 9 m/s e 56,2% chegaram a 10 m/s. Houve diferença (p<0,05) nos valores da FC entre os grupos em ambos os testes. Os equinos do Grupo I apresentaram maiores valores de FC durante o galope progressivo e após exercício, em relação aos demais grupos. Em ambos os testes, a FC apresentou resposta linear crescente, acompanhando o aumento da velocidade durante o galope progressivo, seguido de redução durante o período de recuperação.

\*oliveirachiara@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Laboratório de Avaliação do Desempenho de Equinos/Universidade Federal Rural do Rio do Janeiro

### Glicose e ácido úrico em equinos de concurso completo de equitação submetidos a teste em esteira de alta velocidade

Azevedo, J.F.<sup>1\*</sup>, Santiago, J.M.<sup>1</sup>, Silva, L.L.F.<sup>1</sup>, Miranda, A.C.T.<sup>1</sup>, Laranjeira, P.V.E.H.<sup>1</sup>, Almeida, F.Q.<sup>1</sup>

Este estudo teve como objetivo avaliar a concentração sanguínea de glicose e ácido úrico em equinos de Concurso Completo de Equitação (CCE). **Material e Métodos:** Foram utilizados 16 equinos de CCE em delineamento inteiramente casualizado em esquema de parcelas subdivididas. As parcelas foram quatro grupos, com quatro equinos em cada grupo, utilizando como fontes de variação a idade e o histórico anterior de treinamento em CCE: Grupo I - Novos Iniciantes, equinos entre 5 a 7 anos de idade sem experiência anterior no CCE, Grupo II - Adultos Iniciantes, equinos entre 12 e 17 anos sem experiência anterior no CCE; Grupo III - Novos Experientes, equinos entre 5 e 8 anos que participaram de treinamento de CCE nos anos anteriores; Grupo IV - Competidores, equinos entre 8 a 10 anos competidores de CCE nos anos anteriores. As subparcelas foram os testes em esteira de alta velocidade no início do treinamento (teste I) e no final do treinamento (teste II). A esteira foi utilizada com inclinação de quatro graus no seguinte protocolo: aquecimento de três minutos a 1,7 m/s e cinco minutos a 4,0 m/s, cinco minutos de galope (com velocidade aumentada em 1 m/s a cada minuto, nas velocidades de 6, 7, 8, 9 e 10 m/s) e desaquecimento de 30 min a 1,7 m/s, ao passo. As coletas sanguíneas foram feitas durante os 15 segundos finais de cada minuto de galope e aos 15 e 30 minutos do período de recuperação. As concentrações plasmáticas de glicose e séricas de ácido úrico foram determinadas com kits reagentes para glicose e para ácido úrico em espectrofotômetro. **Resultados e Conclusão:** Não houve diferença (p>0,05) nas concentrações de glicose e concentrações de ácido úrico entre os grupos. Houve diferença (p<0,05) na concentração de glicose entre o teste I e o teste II, com menores valores observados no segundo teste no tempo basal, durante galope de 7 m/s, 30 minutos e uma hora após exercício. A concentração de glicose, em ambos os testes, apresentou menores valores durante galope e aumento durante a recuperação. Houve diferença (p<0,05) na concentração de ácido úrico entre os testes I e II, com maiores